

Boaventura e Carvalho da Silva juntos contra a crise num observatório

Vai ser coordenado pelo ex-líder da CGTP e pretende produzir análises alternativas à crise. Prometem relatórios anuais que sejam uma referência sobre as desigualdades. Numa visão de esquerda

Cidadania
São José Almeida

Ajudar a estabelecer “padrões mínimos de coesão social” na análise da sociedade portuguesa e “lutar contra o pensamento único” com uma visão de esquerda são, segundo Boaventura de Sousa Santos, director do Centro de Estudos Sociais (CES) da Universidade de Coimbra, dois dos objectivos do Observatório sobre Crises e Alternativas, criado no CES e que será coordenado por Manuel Carvalho da Silva, actual responsável pelo CES em Lisboa e que foi coordenador da CGTP até Fevereiro.

A sessão de lançamento público deste observatório realiza-se em Lisboa, na próxima segunda-feira, com uma conferência em que, além de Boaventura de Sousa Santos e de Manuel Carvalho da Silva, participará Raymond Torres, director do Instituto de Estudos Laborais da Organização Internacional do Trabalho (OIT), organização que assim se associa em parceria ao CES na estruturação deste observatório.

“O observatório tem como objectivo interagir entre o mundo da academia e o da cidadania”, explicou ao PÚBLICO Boaventura de Sousa Santos, que já dirige na Universidade de Coimbra (UC) um Observatório da Justiça e que precisou que esta organização do CES “vai fazer a análise da informação sobre a crise e a sociedade portuguesa e procurar ser alternativa” crítica de esquerda nessa tarefa, uma vez que, afirma, “a interpretação institucional dos dados oficiais é questionável”.

O responsável pelo CES explica que o Observatório sobre Crises e Alternativas “vai ter uma intervenção regular de análise mas não nervosa, não vai comentar tudo nem todos os dias”. O objectivo é produzir “reflexão sobre o que se passa em Portugal e no mundo”, apontar saídas para a crise.

O novo observatório a funcionar no universo da UC junta-se assim a estruturas do mesmo tipo que analisam e que estudam a sociedade,

também no âmbito universitário ou com outros enquadramentos públicos ou privados, como o Observatório das Desigualdades do ISCTE, o Instituto do Envelhecimento da Universidade de Lisboa, ou a Fundação Manuel dos Santos, esta última presidida pela sociólogo António Barreto.

Pluralismo bem-vindo

O nascer de uma nova estrutura é bem vista por quem já faz análise sociológica em Portugal. Carlos Farinha Rodrigues, professor do Departamento de Economia do Instituto Superior de Economia e Gestão, em Lisboa, e membro do Observatório das Desigualdades do ISCTE, que dirigiu o estudo sobre desigualdades para a Fundação Manuel dos Santos, considera positiva a apresentação do Observatório sobre as Crises e das Desigualdades. “É extremamente importante que num período como o actual, em que as desigualdades aumentam diariamente, ver nascer um esforço adicional para dar a conhecer a situação da sociedade e para apontar soluções”, considerou ao PÚBLICO Farinha Rodrigues, rematando: “É um reforço de cidadania.”

Também o sociólogo Manuel Villaverde Cabral, responsável pelo Instituto do Envelhecimento, considera que o aparecimento deste Observatório sobre as Crises e das Alternativas “é importante para o pluralismo académico e de visões do mundo”. Villaverde Cabral sublinha, porém, que estas estruturas “não são a solução do problema”. E advoga que o importante é trazer à luz do dia mais informação sobre a situação da sociedade portuguesa. E defende que, para além destas estruturas de nível universitário, fosse “criada uma grande unidade de investigação também pública, mas com meios que permitissem conhecer melhor a redistribuição da riqueza em Portugal”.

Boaventura explica que o novo observatório vai trabalhar nos seguintes temas: “As consequências sociais da crise, o emprego, a consolidação orçamental, as receitas fiscais”. Já Carvalho da Silva acres-



Uma das apostas é a produção de um relatório anual que funcionará como a “anatomia da crise”

“Vai ter uma intervenção regular de análise mas não nervosa”

Boaventura de Sousa Santos
Sociólogo



centa que uma das apostas do observatório será a produção de um relatório anual que funcionará como a “anatomia da crise em Portugal”. Prometida está também investigação inédita na base de um projecto que será dirigido por José Reis, director da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, garante Boaventura de Sousa Santos.

Além destas iniciativas o observatório vai fazer cursos, acções de formação, *workshops*, fóruns de discussão e conferências. Já a 2 de Maio, anuncia Carvalho da Silva, o

Observatório sobre as Crises e Desigualdades associa-se ao CES na organização da conferência sobre democracia que traz a Lisboa Tasso Genro, governador do Rio Grande do Sul e ex-ministro de Lula nas pastas do Trabalho, da Educação e da Justiça.

Patrocínios e sem sócios

Uma das novidades no funcionamento deste observatório é a forma obtida para garantir o seu funcionamento. Carvalho da Silva sublinha que esta organização “vai viver

222

entradas sobre temas diversos relacionados com a crise económica e social que se vive em Portugal e na Europa constituem o Dicionário das Crises e das Alternativas.

RUI GAUDÊNCIO



“A contrapartida para os doadores é o interesse público e o participarem nos eventos”

Carvalho da Silva
Ex-líder da CGTP



de donativos nos moldes da OIT”. E o coordenador do observatório anuncia mesmo os doadores que já existem: EPUL, Montepio, Kiaya, Fundação da AIP, Mota-Engil, sindicatos do Grupo CGD, dos Bancários do Centro, dos Professores da Grande Lisboa, dos Trabalhadores Judiciais, dos Jornalistas e dos Enfermeiros. Carvalho da Silva defende que “a contrapartida para os doadores é o interesse público e o participarem nos eventos”. E Boaventura acrescenta que a “participação dos doadores mostra que há formas de

113

são os investigadores que colaboram no Dicionário das Crises e Alternativas. Todos eles estão ligados ao Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra.

O Dicionário das Crises e das Alternativas

No acto da fundação, o Observatório sobre Crises e Alternativas vai lançar a obra *Dicionário das Crises e das Alternativas*, com 222 entradas que procuram ajudar a entender a crise económica e social em Portugal e que são feitas por 113 investigadores da Universidade de Coimbra.

Capitalismo

É um modo de produção de mercadorias (bens e serviços) que assenta na separação entre o capital, que detém a propriedade dos meios de produção (máquinas, sistemas de gestão e de informação, tecnologias e matérias-primas), e a força de trabalho, que mobiliza esses meios para produzir riqueza. A remuneração da força de trabalho fica sempre aquém do valor que cria, e nessa diferença ou excedente consiste o lucro do empresário e a consequente exploração do trabalhador. Ao longo dos últimos duzentos anos, boa parte das lutas sociais foi travada para decidir o montante dessa diferença ou excedente.
Boaventura Sousa Santos

Deslocalização

A conjugação do poder e da capacidade de acção estratégica das multinacionais com os processos de deslocalização e com as possibilidades de utilização de um “mercado de trabalho global”, factores que têm entre si forte conexão, gera uma espiral de harmonização no retrocesso dos direitos laborais

e sociais de grande parte dos trabalhadores. *Manuel Carvalho da Silva*

Emprego

(...) têm-se acentuado a segregação e a polarização das estruturas de emprego em função do sexo e/ou da etnia e/ou da idade, com a concentração do emprego feminino, jovem e das minorias étnicas em postos de trabalho desregulados, mal remunerados e mal classificados. Estes grupos engrossam a categoria de trabalhadores/as pobres. É neste sentido que se pode falar de uma “feminização” do emprego, para significar o efeito de disseminação das características do emprego (e do desemprego) feminino a todos os sectores do emprego, e que se pode falar da perda da mais bem preparada geração, que se depara com falta de alternativas ao entrar no mercado de trabalho.
Virgínia Ferreira

Ideologia

A derrocada das ideologias significa, no entanto, não o seu suposto fim mas a imposição, na condição de hegemónica, de uma ideologia incorporada, insidiosa porque auto-ocultada, apresentada como única forma de pensamento possível, feita de unanimidades e de valores universais tomados como absolutos, associados a um imutável senso comum. Esta não-ideologia imporia uma mistificação das assimetrias e dos conflitos, apresentados como dirimíveis apenas dentro de uma

lógica de estabilidade que seria a do capitalismo e a de uma democracia de baixa densidade.
Rui Bebiano

Liberdade

O povo diz “quem a tem chama-lhe sua”. Os poetas falam de “liberdade livre”, que não quer saber de direitos nem deveres. A liberdade é relativa, múltipla e difícil. Liberdade de pensamento, liberdade de expressão, liberdade de imaginação, liberdade de criação, liberdade de culto, liberdade de movimentos, liberdade de associação, liberdade de produção, liberdade de consumo. O dia-a-dia nos ensina que a liberdade anda sempre de mãos dadas com a crise.
Maria Irene Ramalho

Movimentos Sociais

Estudos sobre movimentos sociais identificam Portugal como historicamente frágil em matéria de mobilização social em virtude de ter vivido a mais longa ditadura da Europa ocidental. Neste cenário, o movimento sindical, com características muito próprias, surge como a grande excepção. No entanto, estudos recentes sublinham o potencial de mobilização social em torno de momentos específicos, a capacidade de articular causas de modo transversal e os mecanismos através dos quais a sociedade civil portuguesa aprendeu a mobilizar o direito e a cultura em prol de demandas específicas. **Ana Cristina Santos**

ter perspectivas diferentes e dialogar, mostra que a concertação social é possível”.

Tendo como objectivo servir de ponte de ligação entre a academia e a cidadania, o Observatório sobre Crises e Alternativas não vai aceitar sócios, nem vai assemelhar-se a qualquer forma de estrutura política, garantem os fundadores. Mas vai ter um *site* na Internet que servirá de plataforma de acção, explicou Carvalho da Silva. Será através da Net que os cidadãos podem dirigir-se com sugestões e propostas.

Entre as sugestões que o *site* vai aceitar estão as propostas de novas entradas para o *Dicionário das Crises e das Alternativas* que o observatório vai lançar. Boaventura de Sousa Santos explicou que uma segunda edição irá ser aumentada com “entradas que venham a ser proposta através do *site* com uma pequena justificação de algumas linhas em sua defesa”.

O *Dicionário das Crises e das Alternativas* é a primeira grande aposta do Observatório sobre Crises e Alternativas e foi feito em dois meses

e meio por uma equipa de 113 investigadores da Universidade de Coimbra responsáveis pelas 222 entradas desta obra, destaca Boaventura Sousa Santos, que no prefácio que faz à obra lembra que ela foi coordenada por Ana Cristina Santos, Bruno Sena Martins, João Paulo Dias, João Rodrigues e Margarida Gomes. E que contou com uma comissão de revisão técnica, estilística e científica constituída por António Sousa Ribeiro, José Castro Caldas, Manuel Carvalho da Silva, Rui Bebiano e Teresa Tavares.